

# A MISSÃO SUECA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ASSEMBLEIANA NO BRASIL

Daniel dos Santos Paixão<sup>1</sup>

## RESUMO

A fundação da Assembleia de Deus no Brasil aconteceu através de dois jovens missionários suecos. Gunnar Vingren e Daniel Berg aportaram em Belém, capital do Estado do Pará, vindos dos Estados Unidos em 19 de novembro de 1910. Após alguns meses no Brasil, os missionários, juntamente com um grupo de fiéis brasileiros, fundam em 18 de junho de 1911 este movimento, que alteraria profundamente o perfil religioso e até social do Brasil. Isto, por meio da pregação de Jesus Cristo como único e suficiente Salvador da humanidade e da atualidade do batismo no Espírito Santo e dos dons espirituais.

Palavras chave: missão sueca, construção, identidade, Assembleia de Deus, teologia pentecostal.

## INTRODUÇÃO

No início da obra pentecostal no Brasil, mesmo sem ter qualquer ligação administrativa, os missionários fundadores receberam certa influ-

---

<sup>1</sup> Daniel dos Santos Paixão é pastor auxiliar da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Alvorada/RS; bacharel em Teologia; graduado em História.

ência norte-americana, pois na América viveram a extraordinária experiência pentecostal e receberam a chamada missionária. Gunnar Vingren inclusive pastoreou a Igreja Batista em South Bend, Indiana. O próprio material (folhetos, livros e Bíblias) usado por Daniel Berg na evangelização, foi recebido dos Estados Unidos. Esta influencia é evidente na escolha do nome da nova igreja.

Em 1912, o pastor Thomas King Leonard dá à sua pequena igreja em Findlay (Ohio – EUA) o nome de “Assembly of God” (Assembleia de Deus). Em 02 de abril de 1914, foi fundado o Concílio Geral das Assembleias de Deus nos Estados Unidos; desde então, a esmagadora maioria das igrejas pentecostais norte-americanas passou a adotar o nome “Assembleia de Deus”. Quando os missionários suecos no Brasil tomaram conhecimento destes fatos, decidiram em comum acordo com os membros da igreja pentecostal no Brasil (que até então era chamada de Missão da Fé Apostólica), que deveriam adotar o nome de Assembleia de Deus, como uma demonstração de sintonia com os irmãos norte-americanos, já que, oficialmente o movimento pentecostal em evidência no Brasil nasceu nos Estados Unidos.<sup>2</sup>

Porém, aos poucos, a nacionalidade sueca dos pioneiros começou a falar mais forte, e a igreja pentecostal escandinava passou a ter uma forte e decisiva influencia na formação da Assembleia de Deus no Brasil. A igreja norte-americana voltaria a ter influencia na obra pentecostal brasileira somente a partir do final da década de 30, com o envio de missionários para cá, os quais tiveram participação brilhante, geralmente na área teológica; poucos missionários norte-americanos dirigiram igrejas no Brasil.

A participação da igreja sueca na história da AD no Brasil tem início a partir da visita de Daniel Berg, em 1914 a Suécia, onde estabeleceu

---

<sup>2</sup> DANIEL, Silas. **História da convenção geral das Assembléias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. p. 10.

contato com Lewi Petrus, seu amigo de infância e pastor da 7ª Igreja Batista de Estocolmo, que poucos anos antes se tornara pentecostal e se organizou em 1913 como a Igreja Filadélfia de Estocolmo, na época com 500 membros aproximadamente. A partir deste ano, Daniel Berg e Gunnar Vingren passaram a constar nos registros da igreja Filadélfia como seus missionários em terras brasileiras. A partir daí, esta igreja sob a extraordinária liderança do pastor Lewi Petrus começou a preparar e enviar missionários ao Brasil.

No ano seguinte (1915), Vingren também viajou para a Suécia. Era a sua primeira viagem a terra natal depois que veio para o Brasil. Ali conheceu Frida Strandeberg, com quem se casou em 16 de outubro de 1917. Berg casou-se com a jovem sueca por nome Sara, em 31 de julho de 1920.

Oficialmente, Samuel Nyström e Lina Nyström foi o primeiro casal de missionários enviados para o Brasil pela Igreja Filadélfia de Estocolmo. Samuel e Lina Nyström chegaram a Belém, no Estado do Pará em 18 de agosto de 1916, para se somarem aos missionários Daniel Berg, Gunnar Vingren e Otto Nelson e esposa Adina Nelson (este casal sueco já estava no Brasil desde 1914, vindo dos Estados Unidos). Desde então, a vinda de missionários suecos enviados pelas igrejas pentecostais suecas (principalmente a de Estocolmo) para a AD no Brasil se tornou constante. Ao longo das seis décadas que se seguiram, mais de 60 missionários suecos influenciaram diretamente a história das Assembleias de Deus no Brasil. Segundo se sabe Ruben Johannes Lundgren é o único missionário sueco ainda em atividade no Brasil. Pastor João Lundgren (como é carinhosamente chamado pelos gaúchos), aos 84 anos de idade, exerce seu ministério liderando a AD de Caxias do Sul/RS; também é o presidente de honra da Convenção dos Pastores do Rio Grande do Sul. O pastor Lundgren preside a igreja em Caxias do Sul ao melhor estilo sueco: com paixão incondicional pela Escola Dominical e pela música.

O vínculo histórico da AD brasileira com a Missão Sueca já dura quase um século. Esta pujante missão pentecostal do século XX deixou seus traços impressos na identidade desta, que hoje, é a maior igreja pentecostal do mundo. Nas linhas que se seguem vamos elencar os principais aspectos que evidenciam essas marcas indeléveis dos escandinavos, tais como: evangelismo, escola dominical, liturgia, estrutura administrativa, obras sociais, teologia, entre outros.

## 1 EVANGELISMO PESSOAL

O sistema de evangelismo pessoal adotado por Berg no início da obra foi o modelo seguido pela AD no Brasil ao longo de sua história. O mesmo consistia em uma abordagem simples, geralmente acompanhada de uma literatura evangélica (folhetos, jornal, livros, Novo Testamento, Bíblia completa). Esta prática também era chamada de colportagem, pois parte desse material era vendido, gerando recursos para o sustento dos missionários. Se a porta para a Palavra se abrisse, o evangelista então dedicava o tempo necessário para a explanação da mesma, e no final o ouvinte era convidado a aceitar ao Senhor Jesus como seu Salvador, recebendo logo após uma oração e o convite para frequentar a igreja.

Este método vitorioso implantado pelo missionário Daniel Berg, através do qual milhares de pessoas foram ganhas em terras brasileiras, permanece comprovadamente, como a mais eficiente forma de condução a Cristo. Observemos o que foi dito pelo próprio Berg:

Aproximei-me da mesa e senti forte emoção, quando vi os selos americanos. Sabia que ali estavam as Bíblias que encomendara, havia algum tempo. Eram as primeiras Bíblias e Novos Testamentos que recebíamos da América do Norte. Senti então que nova perspectiva para o trabalho se abria, com a chegada dos livros. (...) Os primeiros tempos dedicados a colportagem foram reservados à cidade de Belém. Na primeira porta em [sic.] bati, fui bem recebi-

do; senti que Jesus estava presente; era o primeiro freguês, e não podia deixar de comprar. Além disso, o serviço de colportagem dava-me oportunidade de conversar com as pessoas e de convidá-las para assistir os cultos. (...) Para mim eram momentos de alegria, às vezes, quando reconhecia, sentadas nos bancos da igreja, pessoas que compravam livros, ou que eu convidava a ouvir a Palavra de Deus. Algumas delas converteram-se e tornaram-se cristãos fiéis.<sup>3</sup>

Citamos ainda o relato a respeito do trabalho de Berg na evangelização na região da estrada de ferro de Bragança no Estado do Pará:

Foi seguindo esta estrada de ferro – uma distância de 400 quilômetros – que Daniel Berg caminhou a pé, carregando as suas malas repletas de porções bíblicas. Muitas vezes os seus pés estavam tão feridos e cheios de chagas, que ele era obrigado a caminhar descalço. Sofrendo fome e necessidades de toda a espécie, caminhou ele de porta em porta, evangelizando o povo e distribuindo evangelhos e porções bíblicas.<sup>4</sup>

Mesmo no fim de seus dias, o pioneiro do Movimento Pentecostal no Brasil, internado num hospital na Suécia, mal podia mover-se; mesmo assim saía da enfermaria para distribuir folhetos e orar pelos que se decidiam por Cristo. Uma enfermeira foi escalada para proibir-lhe a tarefa, mas ao contemplar o homem de Deus, desgastado pela força dos anos, porém ainda vigoroso na tarefa da evangelização, não teve coragem de lhe impedir e recuou.

Daniel Berg jamais se envergonhou do evangelho do Senhor Jesus, tal qual o apóstolo Paulo: “Porque não me envergonho do evangelho, pois é o poder de Deus para todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego” (Rm 1.16).

---

<sup>3</sup> BERG, Daniel. **Enviado por Deus**: memórias de Daniel Berg. 7. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1987. p. 54-55.

<sup>4</sup> VINGREN, Ivar. **Diário do pioneiro Gunnar Vingren**. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1991. p. 50.

A partir daquela forma simples e pessoal utilizada por Berg, surgiram diversos tipos e meios de evangelismo, como cultos ao ar livre, alto falante em frente aos templos, evangelismo por meio de barcos, tendas, evangelismo em hospitais, presídios, passeatas, rádios e televisão.

## 2 REGISTRADA A PRIMEIRA ASSEMBLEIA DE DEUS

Embora existisse de fato desde 1911, a igreja Assembleia de Deus teve seu estatuto registrado somente em 11 de janeiro de 1918, no Cartório de Registro de Títulos e Documentos do 1º ofício, em Belém, no livro A, nº 2, de Registro Civil de Pessoas Jurídicas e outros papéis, número de ordem 131.448, através de seu líder Gunnar Vingren. O Estatuto tinha o seguinte teor (na grafia da época), segundo relata Isael Araujo:

A Sociedade Evangélica Assembléa de Deus é uma Associação para fins religiosos sob a denominação de Assembléa de Deus (Pentecostal), com sede nesta Capital, à Travessa 9 de Janeiro, nº 75, reger-se-á pelo dispositivo nos seus Estatutos e de acordo com o Código Civil em vigor. Fazem parte da Sociedade além dos outros sócios fundadores, os missionários GUNNAR VINGREN, DANIEL BERG, ilimitadamente, outros sócios adeptos ao mesmo culto que a ela queiram pertencer e que aqui venham empregar as suas actividades. A Sociedade será administrada pelos missionários GUNNAR VINGREN, DANIEL BERG e SAMUEL NYSTRÖM, que a representarão, activa e passivamente em juízo ou afora d'elle, os estatutos só poderão ser reformados de acordo com os missionários da mesma fé e ordem. A sociedade durará por tempo indeterminado, só podendo ser dissolvida quando assim entenderem os dois missionários fundadores. No caso de Dissolução o Patrimônio da Sociedade ficará pertencendo aos três missionários ou seus sucessores. Belém, 4 de janeiro de 1918.<sup>5</sup>

É importante notarmos que o nome de Samuel Nyström aparece junto com os pioneiros compartilhando a tarefa de administrador da igreja.

---

<sup>5</sup> ARAUJO, Isael. **Dicionário do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 41.

Isso mostra, que o mesmo na época, chegado da Suécia há pouco mais de um ano, já exercia influente papel de liderança. Certamente, o primeiro missionário enviado pela Igreja Filadélfia de Estocolmo, tomou parte ativamente na elaboração deste primeiro estatuto.

Este estatuto serviu de padrão para a futura estrutura administrativa das Assembleias de Deus em todo o Brasil. As mesmas estão organizadas em forma de árvore, onde cada Ministério (campo) é constituído pela igreja-sede com suas respectivas igrejas filiadas, congregações e pontos de pregação. Cada igreja-sede tem o seu estatuto. As igrejas Assembleias de Deus atuam em cada lugar sem estarem ligadas administrativamente a uma instituição nacional. A ligação nacional entre as igrejas é feita através dos seus pastores que são filiados a Convenções Estaduais que, por sua vez, se vinculam a uma Convenção de caráter nacional.

Em cada Estado do Brasil os pastores estão ligados a convenções regionais e a ministérios. Essas convenções, em geral, credenciam evangelistas e pastores, cuidam de assuntos da liderança e de direção das igrejas. Essas convenções operam um tipo de liderança regional entre a igreja local e a Convenção Geral. A Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) é dirigida por uma Mesa Diretora, eleita a cada quatro anos numa Assembleia Geral. Para várias áreas de atividades das Assembleias de Deus, a CGADB tem um conselho ou uma comissão.

Este formato se define claramente a partir da primeira Convenção Geral em 1930, com a presença do pastor Lewi Petrus, especialmente convidado pelo missionário Gunnar Vingren para o evento, ocorrido em Natal/RN. Até 1930, eram os missionários suecos que lideravam ou supervisionavam todas as Assembleias de Deus no país. Nenhum trabalho aberto pelos missionários havia recebido autonomia, mesmo sendo boa parte das igrejas do norte e nordeste dirigidas por pastores brasileiros. O líder natural dos missionários era Gunnar Vingren, que, desde 1924 presidia a AD do Rio de Janeiro. Na sua ausência, Samuel Nyström, então pastor de Belém do Pará,

era o designado para exercer a liderança nacional. Por algum tempo, os pastores nacionais já acalentavam em seus corações o desejo de uma maior autonomia para as igrejas do norte e nordeste do país. Esta proposta foi apresentada por eles durante a Convenção. Após a apresentação do assunto pelos brasileiros, o pastor Petrus se pronunciou, conforme ele mesmo registrou na revista pentecostal sueca *Evangelii Harold*, segue abaixo as palavras do líder:

O trabalho do Norte foi fundado há 20 anos, e ali existem agora muitas e grandes igrejas com experimentados pastores e dirigentes, de modo que o trabalho pode ser entregue inteiramente a eles. Os missionários poderiam então deixar a Região Norte e seguir para os Estados do Sul, onde a obra pentecostal ainda não começou. Um trabalho missionário tem de ter como alvo, sempre que possível, entregar o trabalho aos obreiros nacionais. Como resultado disso, haverá uma responsabilidade maior entre esses obreiros, e maiores possibilidades de ofertas dos próprios brasileiros. E haverá também um melhor aproveitamento de pessoal. (...) Da parte da Missão, não consideramos que uma medida como essa signifique algum risco. Primeiramente, porque os missionários continuarão morando e trabalhando no país, e, em segundo lugar, porque existem as melhores relações possíveis entre os missionários que deixarão a responsabilidade e os pastores nacionais que se responsabilizarão pelas igrejas locais. Além disso, os missionários podem também ajudar no caso de surgirem dificuldades especiais.<sup>6</sup>

Antes mesmo de Petrus falar, já havia consenso entre os missionários a respeito da questão. Sendo que os mesmos apresentaram a sugestão de que fossem entregues aos obreiros brasileiros as igrejas do Amazonas, Pará, Maranhão, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, onde havia 1.000 membros e 160 igrejas. Também foi apresentado pelos missionários que todos os templos e locais de reuniões que pertenciam à Missão, deveriam ser entregues sem nenhum custo, às respectivas igrejas locais brasileiras.

A partir daí os “campos” estabelecidos no Norte e Nordeste do Brasil passaram a ter personalidade jurídica própria. Uma prática que iria se estender por todo o país com o passar dos anos.

---

<sup>6</sup> ARAUJO, 2007, p 47.

Num artigo escrito após a Convenção de 30, Petrus, satisfeito com o trabalho no Brasil, comentou:

Os missionários no Brasil estão, quando se trata de assunto de organização, inteiramente no mesmo ponto de vista que as igrejas livres da Suécia. Todos expuseram a sua perfeita aprovação sobre o pensamento bíblico de igrejas livres e independentes, entre as quais deve haver uma colaboração espiritual (...).<sup>7</sup>

## 2.1 Patrimônio Próprio

Também aprendemos com os missionários suecos que a igreja deve ter seu próprio patrimônio. Tão logo que se abria uma nova porta de trabalho, geralmente isto acontecia na residência de um irmão, ou em salão alugado, os missionários não descansavam sem que adquirissem um terreno e edificassem um templo próprio da Assembleia de Deus. Até hoje os nossos líderes seguem este modelo.

A AD no Brasil iniciou na casa da irmã Celina de Albuquerque, onde ficou por pouco tempo. O primeiro templo próprio edificado pelos missionários estava localizado à Trav. 9 de janeiro, 75, em Belém; já o segundo templo na cidade de Belém foi inaugurado em 1926, pelo missionário Samuel Nyström, localizado à Trav. 14 de março.

A construção de templos é resultado da evangelização e crescimento da igreja. Esta verdade que parece ser tão óbvia, nem sempre se aplica as igrejas evangélicas em geral, pois muitas delas, principalmente as neopentecostais, nem sempre veem a construção de templos como sinônimo de crescimento da igreja, preferindo investir em outras áreas. A Assembleia de Deus no Brasil ainda mantém esta característica, sendo a igreja que mais investe em construção de templos. Se isto ainda é sinônimo de crescimento, glória a Deus!

---

<sup>7</sup> VINGREN, 1991, p. 167.

No plano arquitetônico, os missionários suecos não nos deixaram um estilo único, mas sim a diversidade, embora tenha predominado o estilo de degraus (*escadinhas*) na parte superior das fachadas dos antigos templos. Se conferirmos uma fotografia do templo da AD de São Cristóvão no Rio de Janeiro, construído pelo missionário Nils Kastberg e inaugurado em 1938, com o templo da AD de Porto Alegre, construído pelo missionário Gustavo Nordlund, inaugurado em 1939, iremos perceber que a única semelhança é os degraus no topo da fachada.

A AD de Porto Alegre, além de manter o formato de seu templo original, também faz questão de manter a grafia da época nos letreiros identificador da denominação (*Assemblea de Deus*). No interior do Rio Grande do Sul, existem alguns “campos” que ainda mantêm o formato sugerido pelo saudoso pioneiro Gustavo Nordlund, como: Canoas, Rio Grande, Itaqui, São Luiz Gonzaga, entre outros. Certamente também em outros Estados do Brasil ainda existem alguns templos que guardam traços das preferências dos pioneiros escandinavos.

É interessante destacarmos, que na Convenção Geral de 1930, foi acertada a entrega de todos os templos e locais de cultos que pertenciam à Missão Sueca no norte e nordeste, sem nenhum custo, às respectivas localidades brasileiras, que através das lideranças nacionais iriam assumir a direção destas duas regiões do Brasil.<sup>8</sup>

### 3 IMPRENSA

Em novembro de 1917 foi publicado o primeiro jornal da Assembleia de Deus no Brasil. Chamava-se *Voz da Verdade*, sendo dirigido pelos pastores Almeida Sobrinho e João Trigueiro da Silva. Este jornal deixou de circular em janeiro de 1918. Em janeiro de 1919, o missionário Gunnar

---

<sup>8</sup> VINGREN, 1991, p. 165.

Vingren fundou o jornal Boa Semente, que passou a ser órgão oficial de divulgação da AD de Belém/PA, contando com a colaboração do missionário Samuel Nyström. Já atendendo o trabalho no Rio de Janeiro, Vingren fundou em 1929 o jornal Som Alegre, o qual muito foi usado para a evangelização.

Na primeira Convenção Geral das Assembleias de Deus em 1930, ficou decidido que seriam extintos os jornais Boa Semente e Som Alegre, dando lugar à existência de um único jornal, que cobrisse todo o território nacional. Por sugestão de Gunnar Vingren, surge então o Mensageiro da Paz, que circula até hoje, como veículo oficial da AD no Brasil.

Em função do Mensageiro da Paz, surge a CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus) em 1937. No ano de 1940 ela adquire personalidade jurídica, estando subordinada a CGADB (Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil). Samuel Nyström muito se esforçou, em parceria com os missionários norte-americanos para as instalações das oficinas.

Hoje, a CPAD é a maior editora evangélica da América Latina, com modernas instalações e uma imensidade de títulos de autores nacionais e estrangeiros publicados. A editora tem cumprido seu papel servindo a Igreja através de publicações sadias, visando manter a unidade doutrinária da denominação. Há mais de uma década a CPAD é chamada de *A Editora da Escola Dominical*, devido ao grande incentivo que a mesma vem dando ao sistema de ensino desenvolvido aos domingos pela manhã nas Assembleias de Deus em todo o Brasil, bem como a outras denominações que usufruem das Lições Bíblicas editadas pela CPAD.

A vocação para as publicações se mostrava no berço assembleiano e no coração dos pioneiros. Em 1923, os missionários Samuel Nyström e Nels Nelson investiram na aquisição de máquinas na AD de Belém, para a publicação do jornal Boa Semente, publicaram também opúsculos, calendários, revistas da Escola Dominical e hinários.

O gosto pelas publicações mostra a sintonia com a igreja pentecostal sueca. Sob a liderança de Pethrus, a Igreja Filadélfia de Estocolmo fundou o *Dagen* (O Dia), um jornal diário, lançado em 1945, com tiragem de 23 mil exemplares diários, chegando a 500 mil quando as igrejas o usam em projetos evangelísticos; em 1916 era fundada a revista *Evangelii Harold* (Mensageiro do Evangelho), para servir às igrejas pentecostais e outras denominações evangélicas da Suécia; também foi estabelecido o trabalho de radiodifusão através da IBRA (Associação Internacional de Radiodifusão), rede de rádio que alcança 100 países; e *TV-Inter*, rede de televisão.

#### 4 Obra Missionária

Missões fazem parte da história desta igreja desde seu começo. Pres-tes a completar 100 anos de existência no Brasil, a AD continua tendo a obra missionária como sua marca registrada. Milhares de missionários com suas famílias estão nos campos missionários, enviados por esta igreja para todos os continentes da terra.

*Missão da Fé Apostólica*, esse foi primeiro nome dado por Berg e Vingren a igreja no início da obra; passando a ser denominada definitivamente em 1918 de *Assembleia de Deus*. Com a palavra *missão* até no nome, a jovem igreja, com apenas dois anos de fundação, já demonstrava sua vocação missionária ao enviar em 04 de abril de 1913 seu primeiro missionário, José Plácido da Costa com sua família para pregar o Evangelho e abrir igrejas em Portugal. Em 1914 é enviado Manoel Maria Rodrigues; e em 1921, José de Mattos Caravela, ambos também para Portugal. De Portugal, Manoel Rodrigues foi para a Argentina. Na sua residência em Buenos Aires, nasceu a Assembleia de Deus Argentina.

Até mesmo os missionários suecos que haviam sido pioneiros no Brasil partiram para Portugal: Daniel Berg (1932-36) e Samuel Nyström (1937-38). Outros três missionários pioneiros no Brasil também partiram para o

campo missionário: Otto Nelson para a Argentina em 1938; Nils Kastberg para a Argentina em 1940; e Leonard Pettersén seguiu para a Bolívia em 1952, enviado pela igreja do Rio de Janeiro.

Na década de 60, uma iniciativa em particular iria marcar a obra missionária no exterior: os pastores Alcibíades Vasconcelos e Túlio Barros, presidente e vice-presidente da AD de São Cristovão (RJ), respectivamente, não podendo resistir à chamada missionária partiram para a Bolívia em 10 de janeiro de 1960. Nessa mesma, década, o pastor Euclides Arlindo Silva também deixa a presidência da AD de Sergipe para atender ao chamado missionário em Madagascar (África).

Em 05 de maio de 1975, partiu para Cúcuta, na Colômbia, o missionário José Satírio, ligado a AD do Belenzinho/SP, que empreenderia o considerado mais bem-sucedido trabalho missionário no exterior. Ele inaugurou, em 1998, o templo *Centro Cristiano Internacional* para cinco mil pessoas. Em 2005, seu campo contava com mais de 60 mil membros. A Assembleia de Deus, ministério do Belenzinho em São Paulo, liderada pelo pastor José Wellington Bezerra da Costa (que também é o presidente da CGADB), continua fazendo missões; são atualmente cerca de 300 missionários que estão em Portugal, Estados Unidos, Espanha, Inglaterra, China, Japão, Suíça, Honduras, Haiti, Colômbia, e em vários outros países.

Em 1981, era iniciado um dos grandes movimentos missionários na AD no Brasil. O pastor Cesino Bernardino dava início na AD de Camboriú/SC ao trabalho dos Gideões Missionários da Última Hora. Hoje, os Gideões sustentam quase 900 famílias no campo missionário em diversos países. Anualmente é realizado o Congresso Internacional de Missões, no mês de abril em Camboriú, onde se reúnem mais de 100 mil pessoas.

No início de 1992, a Assembleia de Deus em Imperatriz/MA, sob a presidência do pastor Raul Cavalcanti, inicia o Projeto Missionário *Campos Brancos*, que hoje mantém 318 missionários atuando em vários Es-

tados do Brasil e em um grande número de países, como Angola, Chile, Guiana Francesa, Equador, Espanha, Índia, Inglaterra, México, Moçambique, Ucrânia, Venezuela, entre outros. A igreja mãe das Assembleias de Deus no Brasil, liderada pelo pastor Samuel Câmara, atualmente possui na cidade de Belém 70 mil membros, mais de 370 templos e quase 200 pastores, além de manter 42 missionários em outros países.

Em 22 de janeiro de 1975, a CGADB funda a SENANI (Secretaria Nacional de Missões) com a função de orientar e divulgar a obra missionária, bem como cadastrar os missionários enviados e sustentados pelas igrejas. No ano de 2007, de número de missionários brasileiros cadastrados na SENAMI era de 2.150, distribuídos em 36 países; estavam presentes em todos os continentes, menos Oceania. Para treinar novos candidatos à obra missionária, funciona desde 1989, a Escola de Missões das Assembleias de Deus (EMAD).

As Assembleias de Deus enviam continuamente missionários para o exterior e para o interior do Brasil. Para o Piauí, a AD de Belém enviou na década de 70 pelo menos 37 missionários para cooperarem na evangelização do Estado. A AD de Santa Rosa e de Alvorada/RS também mantém atualmente missionários neste mesmo Estado. Vários outros Estados do nordeste brasileiros recebem obreiros sustentados pelas ADs de outras regiões do Brasil.

O envio e sustento dos missionários brasileiros é uma iniciativa das igrejas locais. Geralmente as igrejas de médio e grande porte têm sua secretaria de missões ou departamento de missões organizado, através do qual se arrecada ofertas para garantir o sustento mensal do missionário. Grande parte desses obreiros enviados pelas ADs no Brasil não estão cadastrados na SENAMI, o que dificulta uma estatística mais precisa. Calcula-se, no entanto, que hoje são mais de 5 mil missionários mantidos pelas Assembleias de Deus brasileira.

Esta forma de fazer missões é claramente inspirada no modelo da Missão Sueca. Tal qual o sistema sueco, a missão brasileira treina, envia, sustenta, adota obreiros nativos, exige relatórios, arrecada ofertas missionárias (geralmente no culto de Santa Ceia a oferta é para missões), mantém cadastros dos missionários e dos contribuintes, noticia aos contribuintes as informações que chegam do campo missionário, e permite que os enviados voltem para o gozo de férias ou, se necessário, para tratamento de saúde.

Em 1916, Pethrus deu início a um dos mais arrojados projetos missionários do mundo pentecostal, com a fundação da *Svenska Fria Missionen* (Missão Sueca Livre), que em seus tempos áureos na década de 40 chegou a ter mais de 600 missionários em várias nações. A igreja Filadélfia de Estocolmo mantinha em 1964, 40 missionários em 15 países. Nesse mesmo ano todas as igrejas pentecostais suecas, com cerca de 100 mil crentes, mantinham 510 missionários em 32 países. O pastor Lewi Petrus veio ao Brasil em três ocasiões: 1930 na primeira Convenção Geral; 1953 na Convenção Geral em Porto Alegre; e em 1967 na Conferência Mundial Pentecostal no Rio de Janeiro. Entre o período de 1910 e 1976, somam-se, incluindo as esposas, 64 missionários da Missão Livre Sueca no Brasil. Foram 19 casais com suas famílias, 20 mulheres solteiras e seis homens solteiros. Somando a quantidade de esposas com a de missionárias solteiras, dá um total de 39 mulheres, ou seja, 56,5% da força missionária sueca no Brasil.

Segundo a avaliação do pastor Isael Araujo, pesquisador da Assembleia de Deus:

Pethrus fez com que sua membresia na Suécia se tornasse a maior do mundo pentecostal (até cerca de 1975), e levou o seu Movimento Pentecostal a se tornar a maior igreja livre na Suécia, principalmente por sua capacidade de fazer a igreja relacionar-se em todos os aspectos de sua vida. Sua visão holística da vida cristã e a moderação, dignidade e realismo de suas perspectivas de desenvolvimento espiritual deram-lhe a atenção para ser ouvido por toda a Europa, América do Norte e Terceiro Mundo. Ele mostrou ao mundo pentecostal que o movimento não deveria ficar alienado da

cultura nacional da qual ele faz parte. Ele foi considerado um pregador, erudito e portador de alto grau de espiritualidade, afirmando sempre suas origens pentecostais, interessando-se de modo invulgar pela expansão do evangelho. Pethrus foi também um autor prolífero, além de compositor de hinos.<sup>9</sup>

Lewi Pethrus permaneceu como pastor da Igreja Filadélfia de Estocolmo até sua jubilação, ocorrida em 1958, porém continuou atuante como líder do movimento pentecostal sueco até sua morte em 1974, aos noventa anos. O ato fúnebre ocorreu na Igreja Filadélfia e seu corpo foi sepultado no cemitério de Solna. O rei da Suécia enviou condolências através de um telegrama; o evangelista Billy Graham também enviou mensagem, dizendo: “Lewi Pethrus era um grande pastor, doutor e evangelista que todo o mundo cristão respeitava”. Na ocasião, o missionário Eurico Bergstén representou a Assembleia de Deus do Brasil, num derradeiro gesto de agradecimento a este herói de Deus que tanto fez pela obra pentecostal em nosso país. Certo irmão que acompanhou à cerimônia de sua despedida, comentou: “Era como se toda a Suécia sentisse sua morte”. Numa pesquisa para saber quais foram as 100 pessoas mais influentes no século 20 na Suécia, Pethrus ficou em 5º lugar.

Desde que se tornou pentecostal, a Igreja Filadélfia teve seis pastores-presidentes: Lewi Pethrus (1911-1958); Willis Säwe (1958-1973), veio uma vez ao Brasil; Karl-Erik Heinerborg (1973-1986), veio uma vez ao Brasil; Owe Lindeskär (1986-1997), veio duas vezes no Brasil; Sten-Gunnar Hedin (1997-2006); e Niklas Piensoho (a partir de 2006).

Conforme informações do pastor Isael Araujo, que visitou a Suécia recentemente, o majestoso templo inaugurado por Pethrus em 1930, na Rua Rörstrand 5, no centro de Estocolmo, é o terceiro e atual endereço da Igreja Filadélfia. O prédio é formado por um antigo castelo do ano 1630 e

---

<sup>9</sup> Disponível em: [dicionariomovimentopentecostal.blogstop.com/](http://dicionariomovimentopentecostal.blogstop.com/) acesso em 30/11/2010.

um auditório para 2.300 pessoas. Nos anos 30 e 40, era o centro influenciador do movimento pentecostal sueco, tendo uma forte estrutura organizacional.

Numa das salas do castelo anexo à Igreja Filadélfia ainda funcionam os serviços de missões. Seus secretários de missões de maior destaque foram A. P. Franklin (visitou o Brasil em 1926), Paul Ongman e Samuel Nyström. Contando o período de 1910 a 1976, somava-se, incluindo as esposas, 64 missionários da Missão Sueca Livre que trabalharam no Brasil, a maioria deles sustentados pela Igreja Filadélfia. Atualmente o secretário de missões é o pastor Gunnar Swahn, ex-missionário em Papua Nova Guiné, e a igreja mantém 20 missionários engajados em 35 projetos.

Fez parte da programação do Congresso Internacional de Missões das Assembleias de Deus (CIMAD), realizado de 18 a 21 de novembro/2010, no Rio de Janeiro as presenças de Lars-Ivar Vingren e Sueli Vingren, filhos de Ivar Vingren, primeiro filho de Gunnar Vingren, e de Ann-Sofi Berg e Dan Peter Berg, netos do casal Daniel e Sara Berg. Todos residem em Estocolmo há vários anos. Gunnar e Frida Vingren tiveram seis filhos: Ivar, Ruben, Margit, Astrid Gunvor (todos já falecidos) e Bertil (com 84 anos e residente na Suécia). Bertil, convidada pelos organizadores do evento, não pode comparecer por motivos de saúde.

#### **4.1 Ação Social**

O trabalho de Assistência Social na AD no Brasil também começou através dos missionários suecos. A igreja-mãe em Belém/PA, já nos seus primeiros anos de existência tinha, sob a liderança de Samuel Nyström e posteriormente continuou sob o comando Nels Nelson, a Caixa de Beneficência, Caixa Mortuária e Caixa da Viúvas.

Ao longo dos anos cada AD em nível local, com a ajuda de sua membresia, e muitas delas com ajuda de verbas vindas da Suécia, estabeleceram trabalhos sociais de grande vulto. Hoje, praticamente todos os

campos eclesiásticos das ADs, tem envolvimento com obras sociais, tais como asilos, creches, escolas e desafio jovem.

Um importante exemplo (apenas citando este por estar mais próximo a nós) é o trabalho social fundado pelo missionário Nils Taranger, juntamente com sua esposa Mary Taranger, em Porto Alegre/RS. Ao chegarem de um culto à noite, o casal Taranger percebeu que sua residência havia sido arrombada. Descobertos os autores do delito, verificou-se que se tratava de menores delinquentes. Naquele momento surgiu no coração do casal o desejo de construir uma casa para abrigar menores abandonados. Então, em 06 de abril de 1958 é fundada a Sociedade Beneficente Esperança; inicialmente uma casa abrigo para 10 meninos carentes. Hoje, o Lar Esperança (como é chamado o complexo) desenvolve diversas atividades: abriga mais de 100 crianças; oferece cursos profissionalizantes em artes gráficas, corte e costura, panificação, tecelagem, marcenaria, entre outros; desenvolve o programa de alimentação em 40 postos em Porto Alegre, onde são servidos mais de 5 mil pratos de sopas em cinco dias da semana; ensino teológico, através do Instituto Bíblico Esperança (IBE); e o atendimento a crianças portadoras do vírus HIV, através da Clínica Esperança. O trabalho social desenvolvido por Nils e Mary Taranger tornou-se referência, sendo reconhecido e apoiado por toda a comunidade porto-alegrense.

Atualmente a Missão Sueca ainda mantém sua atuação no país, por meio das obras sociais em algumas regiões, como Sul e Nordeste, e também mantém alguns familiares de missionários nessas atividades.

## **4.2 Ministério Feminino**

Mais de 50% da força missionária sueca no Brasil era composta por mulheres. Eram as esposas dos missionários, também consideradas missionárias e as missionárias solteiras, que foram enviadas para realizar a obra de Deus em terras brasileiras. Porém, isso estava longe de significar

que o trabalho feminino tinha total aprovação.

O assunto entrou na pauta da primeira Convenção Geral em 1930. Gunnar Vingren defendeu o ministério da mulher, enquanto que Samuel Nyström, por sua vez, era contrário a ideia. Já há muito tempo que os líderes da AD no Brasil tinham opiniões diferentes sobre esse tema. Ao final dos debates sobre este assunto naquela histórica Convenção, foi homologada a seguinte declaração:

As irmãs têm todo o direito de participar na obra evangélica, testificando de Jesus e sua salvação, e também ensinando quando for necessário. Mas não se considera justo que uma irmã tenha a função de pastor de uma igreja ou de ensinadora, salvo em casos excepcionais mencionados em Mateus 12.3-8. Assim deve acontecer somente quando não existam na igreja irmãos capacitados para pastorear ou ensinar.<sup>10</sup>

Ao longo dos anos tem acontecido exatamente conforme sugeriu a nota dos convencionais em relação as irmãs e a obra de Deus. É inegável o trabalho laborioso das mesmas através dos círculos de orações, das comissões de visitas e aconselhamento, no louvor, nas escolas bíblicas dominicais; além de um grande número delas serem usadas por Deus no ministério da Palavra. Porém, não se tem notícia de que uma sequer tenha sido consagrada a pastora, pois a prerrogativa de liderança na igreja, desde o início da obra é destinada aos homens. O assunto voltaria a ser discutido na Convenção Geral de 1983 e na Convenção Geral de 2001. Nas duas ocasiões, a maioria dos convencionais rejeitou a ideia de ordenação de mulheres.

## 5 MÚSICA

O valor da música para a adoração, evangelismo, educação e edificação da igreja tem sido uma marca do pentecostalismo no Brasil e no mundo. Em 06 de outubro de 1917 foi lançado o primeiro hinário das Assem-

---

<sup>10</sup> VINGREN, 1991, p. 168.

bleias de Deus no Brasil, pela AD de Belém/PA. Em 1921, foi lançado o *Cantor Pentecostal*; e em 1922 em Recife, foi lançada a primeira *Harpa Cristã*, com 100 hinos. A Harpa Cristã se tornaria mais tarde o hinário oficial das Assembleias de Deus no Brasil, e iria conter composições de Gunnar Vingren, Samuel Nyström, Paulo Leivas Macalão, Frida Vingren, Emílio Conde e muitos outros.

Embora, só tenha organizado o seu primeiro coral em 1926, a musicalidade era constante nos atos litúrgicos da Assembleia de Deus de Belém/PA. Observemos o que escreveu Frida Vingren em carta para a Suécia, em 1917, no dia 05 de julho, dois dias após chegar ao Brasil:

O local de igreja era bonito, todo branco contrastando com o verde escuro. Sobre a porta está escrito: “Assembleia de Deus”. Ó, como cantavam! Uma irmã sentada bem na frente dirigia os hinos com sua forte voz de soprano, como uma flauta.<sup>11</sup>

Emílio Conde, jornalista da AD no Rio de Janeiro, dá seu depoimento a respeito de como se processava o louvor na igreja de São Cristóvão, entre os anos de 1925 e 1926:

O pastor começa a cantar um hino. Todos se levantam e cantam juntos. Outro hino é cantado com fervor e alegria. O hino é dirigido por uma senhora ruiva, a irmã Frida Vingren, está tocando órgão. Um jovem está ao seu lado, tocando violino (ERA PAULO MACALÃO – observação nossa) e um senhor de idade toca no seu trompete (...).<sup>12</sup>

Nas primeiras décadas, alguns crentes tocavam instrumentos simples, tais como violão, cavaquinho, acordeão, triângulo e pandeiro. Logo vieram as bandas, orquestras e os instrumentos eletrônicos, como guitarra, bateria, teclado, contrabaixo. Ainda que enfrentando resistências em alguns lugares, os mesmos passaram a prevalecer nas igrejas pentecostais.

<sup>11</sup> ARAUJO, 2007, p. 41.

<sup>12</sup> VINGREN, 1991, p. 132.

## 5.1 Liturgia

Embora, inovações tenham surgido na liturgia de algumas ADs no país, sob a influencia das igrejas neopentecostais nestes últimos anos, podemos afirmar que ainda nas Assembleias de Deus no Brasil de um modo geral se conserva os costumes litúrgicos aprendidos com os missionários suecos (se bem que, nos últimos 15 anos, a influência norte-americana na nossa liturgia aumentou).

Tendo a espiritualidade, a autenticidade e a simplicidade como marca registrada, a liturgia praticada pelos pioneiros se caracteriza por orações, cânticos, testemunhos e pregações, onde muitas vezes ocorrem manifestações dos dons espirituais.

Com dias e horários específicos, os cultos tem duração média de duas horas, sendo divididos entre oração inicial; hinos da Harpa Cristã; leitura introdutória; oração; saudação dos visitantes; cânticos pelo coral, banda de música, ou grupo de louvor; testemunhos por membros (previamente selecionados para esse fim); leitura bíblica e ministração da Palavra, na qual o pastor, ou um obreiro fará a pregação (sermão), explicando a passagem bíblica para toda a igreja, fazendo o convite após a mensagem aos que não são evangélicos a aceitarem a Jesus como seu único e suficiente Salvador; cântico de encerramento; oração e no final é dada a bênção apostólica.

Veja o que escreveu Emílio Conde referindo-se ao culto dirigido pelo missionário Gunnar Vingren na década de 20 na AD do Rio de Janeiro:

As sete horas da noite os crentes começam a reunir-se. Vêm depressa e enchem o salão. A primeira coisa que fazem é dobrar os joelhos e orar. Alguns oram alto e outros em silêncio. (...) Ninguém fica conversando antes do culto, mas todos estão orando com muito fervor e alegria. (...) O pastor começa a cantar um hino. Todos levantam e cantam juntos. Outro hino é cantado com muito fervor e alegria. (...) Depois o irmão Vingren dá oportunidade para alguém testificar. Cada palavra é acompanhada com exclamações de alegria e gozo. (...) O culto continua de forma simples, mas

todos sentem que estão num lugar santo. (...) O irmão Vingren abre a sua Bíblia; lê dois versos: olha para cima e começa a sua pregação da Palavra de Deus. (...) Cada palavra pronunciada é como uma flecha que vai diretamente aos corações dos crentes. Estes louvam o nome do Senhor enquanto os incrédulos se sentem descoberto pela mensagem. Depois vem o convite e várias mãos se levantam como sinal de que desejam ser salvos. Os que estão buscando a salvação vão para a frente e se faz oração por eles e depois se canta mais um hino.<sup>13</sup>

Nossos líderes se mostram continuamente preocupados com a liturgia. Ao longo dos anos, os mesmos têm sido verdadeiros guardiões para que a liturgia tradicional assembleiana não seja deturpada pelos modismos e inovações, que surgiram nos últimos anos.

## 6 ESCOLA DOMINICAL

Com 150 anos de existência no Brasil (iniciou antes do Movimento Pentecostal), a Escola Dominical tem sido um instrumento valioso desde o começo da Assembleia de Deus. Dois meses após a fundação das Assembleias de Deus (1911), é realizada a primeira aula de Escola Dominical, na casa do irmão José Batista Carvalho, na Av. São Jerônimo, em Belém/PA.

A Escola Dominical sempre foi prioridade dos missionários pioneiros do Movimento Pentecostal no Brasil, bem como dos pastores nacionais que deram sequência a esta grande obra. Abaixo segue um relato da evolução da EBD na AD no Brasil.

Em 1920 começa a circular como suplemento do Jornal Boa Somente em Belém, os Estudos Dominicais, o embrião da atual revista *Lições Bíblicas*, para Jovens e Adultos. Em 1930 é lançada a revista *Lições Bíblicas para Adultos*, inicialmente comentada pelos missionários suecos Samuel

---

<sup>13</sup> VINGREN, 1991, p. 132, 133.

Nyström e Nils Kastberg. Em 1943 é lançada a primeira revista para crianças na Escola Dominical das Assembleias de Deus, escrita pelas professoras Nair Soares e Cacilda de Brito. Em 1955 surge nova revista infantil da CPAD, chamada *Lições Bíblicas para Criança*, para as idades de 6 a 8 anos. Neste mesmo ano é publicado o primeiro comentário de Lições Bíblicas de autoria do missionário sueco Eurico Bergstén, que viria ser o comentarista com o maior número de lições escritas: 35. Em 1973, é novamente lançada pela CPAD uma revista para crianças, por iniciativa e comentários do pastor José Pimentel de Carvalho, sob o título: *Minha Revistinha*, para as idades de 4 e 5 anos.

O ano de 1974 é de grande importância para a Escola Dominical na AD no Brasil; neste ano é fundado o Departamento de Escola Dominical da CPAD (atual Setor de Educação Cristã); é realizado o primeiro CAPED (Curso de Aperfeiçoamento de Professores da Escola Dominical); é lançado o livro “Manual da Escola Dominical”, de autoria do pastor Antonio Gilberto, *best-seller* da CPAD e livro-texto do CAPED; e é lançada pela CPAD a revista infantil *Estudando a Bíblia* (atual revista Juniores, para crianças de 9 a 11 anos).

Em 1981 é lançado pela CPAD o primeiro plano de Revistas da Escola Dominical para Assembleias de Deus, formulado pelo pastor Antonio Gilberto, que estabelecia, pela primeira vez, revistas para cada faixa etária da Escola Dominical. Em 1982 é lançada a revista *Mensageiros da Fé* (atual *Adolescentes Vencedores*), para crianças de 12 a 14 anos.

No mesmo ano é lançada também a revista do *Mestre* para a revista *Lições Bíblicas* (Jovens e Adultos), comentadas pelos missionários João Kolenda Lemos e sua esposa Doris Ruth Lemos.

Em 1994, foi reformulado e relançado pela CPAD o Plano de Revista, formulado em 1974, com a inclusão de duas novas revistas: *Campeões da Fé* (atual *Juvenis Lições Bíblicas*), para adolescentes de 15 a 17 anos, e a revista *Discipulado* para novos convertidos.

Em 1996 é lançada a campanha da CPAD *Biênio da Escola Dominical - 96/97*, sob o tema “Achei o Livro na Casa do Senhor”; Em 1998, foi realizado o I Encontro Nacional de Superintendentes de Escola Dominical, no Rio de Janeiro. Neste mesmo ano também foi realizado o I Congresso Nacional de Escolas Dominicais das Assembleias de Deus, no Riocentro, Rio de Janeiro.

Em 1999 é realizada a Conferência Nacional de Escolas Dominicais, em Recife; é lançada a Revista *Ensinador Cristão*, da CPAD, para circular a partir do 1º trimestre de 2000. Também é reformulado e relançado o Plano de Revistas da CPAD da edição de 1994, tendo as primeiras revistas de Escola Dominical no Brasil totalmente coloridas e tendo a inclusão de mais duas revistas: a *Maternal*, para crianças de 2 e 3 anos, e a *Discipulado Mestre*.

Em 2000 é lançada a Cartilha Escola Dominical *Revistas e Currículos*, para pastores, superintendentes, coordenadores de departamentos e professores. Lançada também a campanha *Todos na Escola Dominical, cada crente um aluno*, a fim de mobilizar as igrejas. Ainda foi realizado o II Congresso Nacional de Escolas Dominicais nas Assembleias de Deus, no Riocentro, Rio de Janeiro.

## 7 TEOLOGIA PENTECOSTAL

O maior legado dos missionários suecos para a Igreja brasileira é, sem dúvida alguma, a doutrina bíblica pentecostal; sobre a qual iremos nos deter mais especificamente daqui para frente.

O Pentecostalismo no Brasil foi desde seu início, tratado como um movimento sem fundamentação teológica e os pentecostais tachados de contrários aos intelectuais. Esses críticos fizeram e ainda fazem uma análise muito superficial sobre o pentecostalismo. São pessoas que não conhecem a história e a estrutura doutrinária dos pentecostais, assim genera-

lizam, classificando o Pentecostalismo com algo sem fidelidade à Palavra de Deus.

O credo doutrinário das Assembleias de Deus, não foge em nada das declarações de fé que foram estruturadas na história da igreja.

Gunnar Vingren, o pioneiro fundador das Assembleias de Deus, era leitor de livros, possuindo brilhante capacidade intelectual; além de ser bacharel em Teologia, formado pelo Seminário Teológico da Universidade de Chicago (EUA) em 1909. A cópia deste diploma, encontra-se no Museu das ADs no Rio de Janeiro. Samuel Nyström, com curso superior, era um intelectual, gostava de ler, além de ser escritor; seu sermonário também está no mesmo Museu no Rio de Janeiro. Nyström falava, lia e escrevia fluentemente em inglês, francês, alemão, português e, naturalmente, o sueco, além de ter noções de hebraico e grego. Gostava de fazer palavras cruzadas para treinar a memória e a mente em todos esses idiomas. Completou por mais de cem vezes a leitura da Bíblia Sagrada. Por si só o currículo destes dois missionários expoentes do pentecostalismo no Brasil já é uma resposta aos críticos.

A história mostra que os pentecostais no Brasil sempre tiveram ligados ao ensino bíblico. As Escolas Bíblicas de Obreiros, a valorização da Escola Bíblica Dominical e o começo (nos anos 60) da tradição de seminários teológicos no modelo norte-americano, é uma prova de que o Movimento Pentecostal valoriza a teologia ortodoxa. Portanto, todos que pretendem avaliar o pentecostalismo, devem fazê-lo com imparcialidade e examinar a história e doutrina desse grupo que tantos benefícios trouxe ao protestantismo. Os pentecostais têm história e doutrina e ainda são grandes instrumentos na defesa da fé cristã.

Em relação à formação da identidade teológica pentecostal das Assembleias de Deus no Brasil, podemos afirmar que a mesma teve a influência direta e praticamente exclusiva dos missionários escandinavos

(suecos, noruegueses e finlandeses), desde a sua fundação até a década de 40. A partir dos anos 40, com a chegada dos missionários norte-americanos ao país (alguns deles chegaram no final da década de 30), então a tarefa de ensino passou a ter a participação deles de maneira cada vez mais crescente nas décadas que se seguiram.

Apesar das constantes incidências de modismos teológicos no cenário evangélico brasileiro, a Assembleia de Deus é hoje uma das igrejas com maior solidez bíblica doutrinária em nosso país. Isso se deve a anos de formação de sua identidade teológica, sob a influência direta dos missionários escandinavos e norte-americanos.

Nas três primeiras décadas os missionários suecos eram soberanos na orientação doutrinária. Nos primeiros anos, a voz da Teologia assembleiana eram os artigos dos suecos nos jornais Boa Semente, Som Alegre e Mensageiro da Paz, e na série Lições Bíblicas, com comentários exclusivamente dos missionários escandinavos. Há artigos de brasileiros nesses periódicos, mas só eram publicados aqueles que passavam pelo crivo teológico dos missionários escandinavos. Além disso, os artigos de articulistas norte-americanos ou britânicos (notadamente Donald Gee, cujos estudos sobre dons espirituais foram preciosos para a nascente igreja no Brasil) eram escolhidos e traduzidos pelos missionários suecos antes das publicações.

Um detalhe das décadas 10, 20 e 30 é que havia certa igualdade entre os missionários escandinavos quanto à influência teológica. Gunnar Vingren, Samuel Nyström, Nils Kastberg, Otto Nelson, Nels Nelson e Joel Carlson se dividiam nessa tarefa, ora por meio de artigos, ora pelas ministrações de estudos bíblicos nas igrejas sob sua responsabilidade. Porém, de meados dos 30 até o início dos 40 (isto é, depois da partida de Vingren, ocorrida em 1932), o missionário Samuel Nyström passou a se destacar como o grande nome da Teologia Pentecostal no Brasil. Em muitos casos,

questões doutrinárias eram dirimidas, até em reuniões de Convenção Geral das Assembleias de Deus, depois de ser ouvido Nyström. Por nove vezes foi presidente da Convenção Geral (1933, 1934, 1936, 1938, 1939, 1941, 1943, 1946 e 1948).

Nas páginas do jornal Mensageiro da Paz no final dos anos 30 e início dos 40, vemos que o nome de Nyström era quase onipresente nas escolas bíblicas de obreiros nos países. Intensamente requisitado, viajava o Brasil inteiro para ministrar estudos bíblicos concorridos, especialmente sobre Dispensacionalismo, os efeitos da obra de Cristo, o Corpo de Cristo e doutrinas bíblicas fundamentais. Nessa época, devido ao estrondoso sucesso de seus estudos, um deles virou livro, publicado pela CPAD: *Jesus Cristo, Nossa Glória*. Esta obra traz uma exposição sobre as doutrinas da Redenção, Santificação e Justificação. É impressionante o fato de que tenha vendido cerca de 5 mil exemplares em sua primeira tiragem nos anos 30, em uma época em que boa parte dos assembleianos não era afeita à leitura.

No final dos anos 40 e início dos 50, despontam notadamente nas escolas bíblicas pelo país os nomes dos missionários norte-americanos. Podemos dizer que inicia aqui o processo de cristalização da Teologia Pentecostal no Brasil, pois só com os missionários norte-americanos houve uma sistematização maior das doutrinas bíblicas na Assembleia de Deus.

Pesquisando as páginas do Mensageiro da Paz nos anos 40 e 50, notamos que os destaques nas escolas bíblicas agora eram os missionários norte-americanos Lawrence Olson, Leonard Pettersen, Teodoro Stohr e John Peter Kolenda, mais conhecido como JP Kolenda. Nesse período, do lado escandinavo, impõe-se apenas os nomes dos missionários Nels Nelson e Lars Erik Bergstén, que aportou em plagas brasileiras no final da década do 40. Nesse período, Nyström já saíra de cena, de volta à Suécia.

Nels Nelson era presença constante nas escolas bíblicas de obreiros pelo país, mas, sem dúvida, Bergstén foi muito mais influente na formação da Teologia Pentecostal. Enquanto Nelson ministrava mais sobre Prática e Teologia Pastoral, Bergstén era mais sistemático e seus estudos abordavam todas as doutrinas bíblicas. Porém, uma de suas marcas era a simplicidade com que abordava os pontos doutrinários, além do largo uso de citações bíblicas para explicar e reforçar o que estava ensinando. Sua biblicidade e a forma apaixonada como falava sobre a necessidade de os obreiros amarem a Bíblia para crescerem espiritualmente, foram imensamente importantes para formações de gerações de obreiros assembleianos. Vale lembrar ainda que se Nels Nelson não exercia uma grande influência teológica na Assembleia de Deus brasileira, tal qual Bergstén, sua influência como líder, porém, era muito forte. Nels Nelson foi o último grande líder sueco da Assembleia de Deus brasileira. Assim, Nelson e Bergstén foram os nomes que ainda mantiveram a influência escandinava em nosso país. Nelson faleceu nos anos 60. A partir daí, a liderança da AD no Brasil tornou-se quase que totalmente exercida por pastores nacionais. Excetuando os missionários Nils Taranger (falecido nos anos 90), João Lundgren, no Rio Grande do Sul; Gustavo Arn Johansson, em Maceió (que liderou de 1963-1965) e alguns missionários noruegueses no Sul, não havia mais missionários escandinavos liderando igrejas.

No período pós Nels Nelson, Eurico Bergstén passou a ser a única referência teológica escandinava. Basta citar novamente que ele é, até hoje, o maior comentarista de Lições Bíblicas da história da AD brasileira. Foram 35 revistas de Escola Dominical escritas em quase 40 anos. Era quase uma revista por ano, todas abordando variadas doutrinas bíblicas. Até sua morte, em 1999, a presença de Bergstén era constante em estudos bíblicos e conferências pelo país. Ao lado de Lawrence Olson, Bergstén foi, cons-

ciente ou inconscientemente, um dos grandes moldadores da Teologia Pentecostal no Brasil.

É também a partir dos anos 50 que são traduzidos para o português, pelos missionários norte-americanos, muitos livros de cunho teológico pentecostal vindos da outra América e que por muito tempo se tornaram a referência teológica dos obreiros brasileiros, sem contar os bons livros produzidos pelos próprios missionários norte-americanos aqui no Brasil. Destaque para *Conhecendo as Doutrinas da Bíblia e Através da Bíblia*, de Myer Pearlman, traduzidos por Lawrence Olson. Essas duas obras tiveram grande sucesso e aceitação, principalmente a primeira, que vendeu mais de 100 mil exemplares e foi, durante muito tempo, a Teologia Sistemática dos obreiros pentecostais brasileiros. Olson ainda produziria o clássico *O Plano Divino Através dos Séculos*, que vendeu mais de 100 mil exemplares. Esse livro popularizaria no Brasil o Dispensacionismo, adotado pela maioria dos obreiros brasileiros até hoje.

Outro importante nome, tanto na tradução de obras em inglês como na produção de livros teológicos, é Orland Spencer Boyer (também missionário dos EUA), que além de escrever livros inspirativos, produziu a série *Espada Cortante*, que marcou época, instruindo muitos. Porém, o maior destaque, ao lado de *Conhecendo as Doutrinas da Bíblia*, é de iniciativa escandinava. Uma série de estudos bíblicos de Eurico Bergstén, que por muito tempo serviram como livro-texto da Escola Teológica das Assembleia de Deus no Brasil (Esteadeb), foi transformada posteriormente em livro: *Teologia Sistemática* (CPAD). Apesar de sintética, foi a mais aprofundada e sólida tentativa de organizar e sistematizar a Teologia pentecostal em um único compêndio.

Nos anos 90, a CPAD publicaria *Teologia Sistemática, uma Perspectiva Pentecostal*, editada por Stanley Horton (maior expoente da Teologia Pentecostal nos EUA) e escrita por 18 teólogos da Assembleia de

Deus norte-americana. Em seguida também foi lançado *Doutrinas Bíblicas*, do teólogo William Menzies, também dos EUA. Porém, a de Bergstén e a editada por Horton são as grandes referências teológicas da AD no Brasil hoje. Finalmente, completando a tríade literária que serve hoje de referência para a Teologia da Assembleia de Deus brasileira, foi lançada, também nos anos 90, a *Bíblia de Estudo Pentecostal* (CPAD), com quase um milhão de exemplares vendidos só no Brasil. As notas são de autoria do pastor Donald Stamps, missionário norte-americano em nosso país.

O passo mais significativo dos missionários norte-americanos para a formação teológica dos obreiros brasileiros foi, sem dúvida, a polêmica criação de institutos bíblicos. Polêmica por não ter sido aceita inicialmente pelos obreiros brasileiros, satisfeitos apenas com o modelo das escolas bíblicas de curta duração, implantado pelos suecos. Anuais, as escolas bíblicas de obreiros duravam de duas semanas a um mês, estudavam temas diferentes a cada ano e até hoje fazem parte da tradição assembleiana no Brasil.

A principal crítica que se fazia aos institutos bíblicos é a de que eram “fábricas de pastores”. Apesar de todas as críticas, os norte-americanos levaram adiante seu projeto. Em 1959, com o apoio de JP Kolenda, o jovem pastor João Kolenda Lemos e sua esposa, a missionária norte-americana Ruth Dorris Lemos, fundariam o Instituto Bíblico da Assembleia de Deus (Ibad) em Pindamonhangaba (SP). Em seguida, em 1962, Lawrence Olson funda o Instituto Bíblico Pentecostal (IBP) no Rio de Janeiro. Olson ainda tinha a seu favor o programa Voz da Assembleia de Deus, com mensagens bíblicas enriquecidas de informações e curiosidades que despertavam nos ouvintes o desejo de se aprofundarem no conhecimento bíblico.

Por outro lado, em 1966, o missionário Nils Taranger (enviado pela Missão Sueca ao Brasil em 1946) fundava em Porto Alegre o IBE (Instituto Bíblico Esperança), reconhecido pela Convenção gaúcha e pela CGADB e responsável pela formação de inúmeros pastores do Rio Grande do Sul, de outros Estados do Brasil e de alguns países da América Latina.

Em nível nacional, nos anos 70 se iniciou o processo de aceitação dos institutos. O Ibad e o IBP só foram reconhecidos oficialmente pela Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil em 1973 e 1975, respectivamente. É nesse período que nascem várias outras escolas teológicas (em forma de instituto) fundadas pelos pastores nacionais, e a Escola de Educação Teológica das Assembleias de Deus (Eetad), fundada pelo missionário norte-americano Bernhard Johnson, em Campinas (SP).

Hoje, vivemos uma consequência clara disso. É interessante notar que os grandes teólogos nacionais da Assembleia de Deus brasileira só começaram a despontar mais a partir dos anos 70. Não que antes dos anos 70 não tenham havido nomes de destaque na Teologia assembleiana entre os nacionais. Basta lembrar que é nos anos 60 que começa a aparecer o pastor e teólogo Antonio Gilberto, que se notabilizou a partir de 1974, com a criação do Curso de Aperfeiçoamento de Escola Dominical (Caped). É dele muitos *best-sellers*, como o Manual de Escola Dominical, lançado em 1974 e que já vendeu cerca de 150 mil exemplares. O pastor Estevam Ângelo de Souza é também outro grande exemplo.

Outro ponto que merece comentário em relação à Teologia pentecostal escandinava e a norte-americana é a diferença de estilos. Os escandinavos preferiam mais o sistema de escolas bíblicas informais e anuais de curta duração (daí a inspiração para criar as tradicionais escolas bíblicas de obreiros no Brasil, tais como Curitiba, Belenzinho, Joinville, entre outras). Os norte-americanos preferiam os institutos bíblicos, com o ensino formal das Escrituras e cursos de longa duração como as igrejas evan-

gênicas tradicionais já faziam há muito tempo. Nos EUA, era comum o obreiro, antes de ser ordenado ao ministério, passar, em média, quatro anos em um instituto bíblico. Já na Suécia, só havia, na época, as escolas bíblicas de verão em Nyem (cidade sueca), uma espécie de curso intensivo de três meses para missionários e obreiros. Os alunos recebiam certificados, mas o curso era mais informal. Porém, ninguém era ordenado ao ministério ou enviado ao campo missionário pela Igreja Filadélfia, liderada pelo pastor Lewi Pethrus, sem antes passar por esse curso. Com exceção de Daniel Berg e Gunnar Vingren, que foram pioneiros e se filiaram à Igreja Filadélfia depois de iniciada a obra no Brasil, todos os outros missionários escandinavos que aportaram em nosso país passaram por esse curso.

Devido às diferenças entre a preparação teológica dos missionários escandinavos e a dos norte-americanos, o estilo de ensino adotado por eles no Brasil era diferente. Os suecos eram mais práticos, enquanto os norte-americanos eram mais sistemáticos. E, ao que parece, os obreiros brasileiros gostavam mais da simplicidade escandinava do que do estilo norte-americano. Só a partir dos anos 50 é que os brasileiros passaram a simpatizar mais com os doutrinadores norte-americanos, especialmente pelas ministrações bíblicas saborosas de nomes como Olson, JP, Stohr e Pettersen.

Outro detalhe: tanto os escandinavos quanto os norte-americanos aplicavam bem a hermenêutica, mas os norte-americanos eram um pouco mais voltados a exegese de textos bíblicos. O único missionário escandinavo que se aplicava no uso da exegese era Samuel Nyström. Aliás, Nyström era considerado pelos brasileiros como “o maior ensinador das Escrituras” no nascente Movimento Pentecostal em nosso país. Coube a Lawrence Olson popularizar o Dispensacionalismo no Brasil, principalmente por meio de seus livros e do Instituto Bíblico Pentecostal.

É bom levarmos em conta que os missionários escandinavos, por chegarem aqui primeiro, gastaram mais tempo procurando estabelecer as bases teológicas da igreja brasileira e reforçando as doutrinas bíblicas distintivas do pentecostalismo, muito atacadas pelas igrejas tradicionais nas primeiras décadas. A maior parte dos textos doutrinários dos primeiros 30 anos do Movimento Pentecostal brasileiro era de caráter apologético, de defesa das doutrinas bíblicas pentecostais. O restante era apenas sobre pontos doutrinários básicos: Salvação, Santificação e Vinda de Jesus. Por isso, quando os missionários norte-americanos vieram, corroboraram essas bases, mas, sobretudo, erigiram um edifício sobre elas, aprofundando esses pontos doutrinários (especialmente a Escatologia Bíblica) e salientando outros, menos abordados até então (como, por exemplo, a Doutrina da Trindade, do Pecado Original e dos Anjos).

O missionário Eurico Bergstén se destaca nesse período justamente porque também foi além das bases. Por exemplo: ao falar da Salvação, Bergstén expunha e destrinchava as doutrinas bíblicas da expiação, justificação, adoção e glorificação (o que Nyström, nos anos 40, começou a fazer timidamente), e a questão da perseverança dos santos, da segurança da Salvação. Aliás, um mau entendimento desse último ponto foi o que levou a uma das primeiras cisões da história da Assembleia de Deus no Brasil.

No início dos anos 30, nasceu no Nordeste do Brasil a Assembleia de Cristo, formada por obreiros nacionais, entre eles Manoel Higino de Souza, que passaram a crer que “uma vez salvo, salvo para sempre”. Um obreiro nacional leu um panfleto calvinista e começou a ensinar que aqueles que aceitam a Cristo não têm possibilidade de perder a Salvação. Porém, os escandinavos eram arminianos (os missionários norte-americanos, que chegariam depois, também). Tentaram convencer Higino do contrário, mas

foi em vão. A maioria esmagadora apoiou os missionários suecos, mas a cisão aconteceu. Se houvesse um ensino preventivo sobre esse ponto doutrinário, talvez essa cisão nunca tivesse ocorrido.

Se os escandinavos fizeram um bom trabalho de base e de estabelecimento da identidade pentecostal, os norte-americanos fizeram um bom trabalho preventivo em relação a modismos (distorções teológicas). Como reflexo desse ensino, surgiram muitos bons livros de autores nacionais. O pastor Abraão de Almeida, por exemplo, escreveu nos anos 80 sua Teologia Contemporânea (CPAD), com prefácio de Lawrence Olson. Nascia a reflexão teológica, estimulada pelos norte-americanos.

Outro exemplo: a febre pela escatologia bíblica no Brasil foi encetada pelos norte-americanos e incentivada pela conjuntura internacional - a Guerra Fria. Nesse período, depois da reedição de *O Plano Divino Através dos Séculos* nos anos 70 e do lançamento do polêmico *Alinhamento dos planetas* (1980), ambas obras de Olson, surgiu uma demanda decorrente do interesse dos crentes pela escatologia. Surgiram muitas obras sobre o assunto, como as dos pastores Antonio Gilberto, Abraão de Almeida e Severino Pedro. O detalhe é que a visão escatológica de muitas dessas obras era importada da visão escatológica norte-americana. A significativa obra *Israel, Gogue e o Anticristo* (CPAD), de Abraão de Almeida, que marcou época e vendeu mais de 50 mil exemplares, é um exemplo. As interpretações sobre a profecia contra Gogue (Ezequiel 38), vista como uma referência à Rússia e à China, são uma influência clara da Escatologia norte-americana. Os escandinavos não se preocupavam com esses pormenores. Sua escatologia era menos detalhista e pouco especulativa. Preocupavam-se mais com o entendimento do essencial.

Como já foi dito, só depois dos anos 50 que o estudo das doutrinas bíblicas foi mais aprofundado na AD brasileira. Assim, se houvesse algu-

ma discrepância teológica entre os escandinavos e norte-americanos, ela surgiria a partir desse período, pois é na exposição dos detalhes que surgem as diferenças. Porém, o que se via era uma concordância mútua. A única diferença encontrada foi quanto à Doutrina da Criação do Universo, mesmo assim, relativa.

Eurico Bergstén, em sua Teologia Sistemática, ensinava a Teoria da Recriação da Terra (também chamada de Teoria da Lacuna), que diz que entre Gênesis 1.1 e 1.2 há um interregno incalculável de tempo, onde teria ocorrido a queda de Satanás e o caos no Universo. A Terra, que teria sido criada perfeita antes de Lúcifer cair, ficou, após a queda do ser angelical, sem forma e vazia. Logo, o relato que vai de Gênesis 1.2 em diante seria não o da criação da Terra, mas da recriação.

Ao que parece, nem todos os missionários norte-americanos simpatizavam muito com essa teoria. Lawrence Olson, porém, seria uma grande exceção, o que relativiza essa discrepância. Ele ensinava o mesmo, como pode ser visto nas primeiras páginas de *O Plano Divino Através dos Séculos*. Como vimos, as diferenças eram muito pequenas. A Teologia era praticamente a mesma em todos os pontos. E isso foi muito bom, porque fortes divergências teológicas criariam cismas. Se hoje a Assembleia de Deus é unida e consolidada em sua identidade teológica, deve isso à influência desses nobres missionários escandinavos e norte-americanos, que deram as suas vidas em favor desta grande obra em nosso país.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> ARAUJO, 2007, p. 558 – 562.

## REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Isael. **Dicionário do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- BERG, Daniel. **Enviado por Deus: memórias de Daniel Berg**. 7. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1987.
- Disponível em: <[dicionariomovimentopentecostal.blogspot.com/](http://dicionariomovimentopentecostal.blogspot.com/)> acesso em 28 nov. 2010.
- Disponível em: <[www.adjara.com.br](http://www.adjara.com.br)> acesso em: 01 dez. 2010.
- Disponível em: <[www.cpad.com.br](http://www.cpad.com.br)> acesso em: 28 nov. 2010.
- Disponível em: <[www.ibeteologia.com.br](http://www.ibeteologia.com.br)> acesso em: 01 dez. 2010.
- Disponível em: <[www.lideranca.org](http://www.lideranca.org)> acesso em: 01 dez. 2010.
- Disponível em: <[www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org)> acesso em: 30 dez. 2010.
- MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro: CPAD. Ano 80, n. 1.506, nov. 2010.
- REVISTA BOAS NOVAS. Porto Alegre. Ano 23, n. 01,02, 1996.
- VINGREN, Ivar. **Gunnar Vingren: o diário do pioneiro**, . 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1991.